

Fátima na luz da Páscoa

6 a 9 de abril de 2023, Tríduo Pascal / Santuário de Fátima

SÁBADO SANTO

TERCEIRO ENCONTRO

Entrever o dia novo

1. Pórtico

Hoje é Sábado Santo.

Hoje, tudo é silêncio. «Um grande silêncio reina hoje sobre a terra; um grande silêncio e uma grande solidão»¹, diz uma antiga homilia de Sábado Santo, porque Aquele que é a vida, a luz e o Verbo criador, jaz silenciado.

No coração da mãe de Jesus e dos seus discípulos, quanta confusão e dor diante da morte do Filho e do Mestre!

«Pois, o silêncio da morte é precisamente o lugar onde a esperança se acende de forma mais profunda. Deus está presente mesmo quando tudo parece perdido. É necessário passar pela experiência do nada, para se poder receber o tudo que Deus é»².

Ao aproximar-se do limiar da sua vida sobre a terra, Francisco Marto, de olhos postos no céu entrevia já, cheio de alegria, esse dia novo e eterno da vida em Deus.

Deixemo-nos conduzir pela sua mão e pelo coração imaculado de Maria na espera confiante do que Deus opera no silêncio deste dia.

¹ In sancto et magno Sábbato, Sec. IV. PG 43, 439.451.462-463. Em *Liturgia das Horas*, Vol II. Ofício de Leitura de Sábado Santo, Segunda Leitura. Documento Pdf. Secretariado Nacional de Liturgia, em <https://www.liturgia.pt/lh/pdf/043TriPasSab.pdf>, acedido em 06-04-2023.

² cf. RODRIGUES, Maria Isabel – Via-sacra. Em VAZ, Carla Abreu, coord. – *Santificados em Cristo: Itinerário Temático do Centenário das Aparições de Fátima: 5.º ciclo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2014. p. 211.

2. Leitura

Entretanto, as mulheres que tinham vindo com Ele da Galileia acompanharam José, observaram o túmulo e viram como o corpo de Jesus fora depositado. Ao regressar, prepararam aromas e perfumes; e, durante o sábadó, observaram o descanso, conforme o preceito. No primeiro dia da semana, **ao romper da alva**, as mulheres foram ao sepulcro, levando os perfumes que haviam preparado. Encontraram removida a pedra da porta do sepulcro e, entrando, **não acharam o corpo do Senhor Jesus**.

/ Lc 23,55-24,3

Já de noite, despedi-me dele. «Francisco, adeus! Se fores para o Céu esta noite, não te esqueças lá de mim, ouviste?» «Não te esqueço, não; fica descansada». E agarrando-me a mão direita, apertou-me com força, por um bom bocado, olhando para mim com as lágrimas nos olhos. «Queres mais alguma coisa?» – lhe perguntei, com as lágrimas a correr-me também já pelas faces. «Não» – me respondeu com voz sumida. Como a cena se estava a tornar demasiado comovedora, minha tia mandou-me sair do quarto. «Então adeus, Francisco! Até ao Céu!» «**Adeus, até ao Céu!...**» E o Céu aproximava-se. Para lá voou no dia seguinte, nos braços da Mãe celeste.

/ São Francisco Marto, *Memórias* de Lúcia

3. Meditação

Não estão sequer, ainda, a iniciar o luto. Não terão ainda deixado de ouvir o zumbido insuportável e insuperável que o choque lhes deixou impresso nos ouvidos, na mente, no coração, no corpo todo. Os amigos de Jesus, os homens e mulheres que o seguiram e amaram — que continuam a amá-lo —, estarão ainda atordoados pela súbita transformação — atroz e violenta transformação — da vida que tomavam como certa: haviam crucificado o seu Mestre e Senhor.

Os últimos anos das suas vidas vinham a ser iluminados por uma luz nova, dadora de uma esperança nova, reveladora de um modo novo de viver a relação com Deus e com os outros. Jesus, o Mestre e Senhor, chamara-os a contemplar e acolher essa luz, que aos poucos vinham a compreender ser Ele mesmo, luz do mundo, caminho, verdade e vida. Viram-no recentrar os corações no amor — primeiro os seus; aos poucos, os dos muitos que se iam deixando tocar e incendiar —; do amor, vinham a aprender, não sem dificuldade e resistência, que, se é autêntico, é de tal ordem incondicional que traz para o seu seio até aqueles que estão nos antípodas do nosso coração, os inimigos. Pouco antes de o verem arrebatado do seu convívio, para depois ser maltratado, humilhado, agredido e morto, ouviram e viram o Mestre e Senhor dar-lhes a lição derradeira sobre o amor pleno, plenamente oferecido, plenamente concretizado. Ouviram-no e viram-no abençoar e partir o pão, dar graças e distribuir o vinho, dando-lhos como seu corpo e seu sangue, amorosamente oferecidos para a salvação de todos e ali entregues como memorial da sua presença; viram-no chamar-lhes amigos, lavando-lhes os pés e convidando-os a, desse mesmo modo, em entrega generosa por amor uns aos outros, tomarem parte consigo.

Não estão sequer, ainda, a iniciar o luto. Mas preparam-se para iniciá-lo. Silenciosos, desencantados, desalentados e esvaziados daquela esperança nova, nada mais veem já do que o sepulcro, petreamente selado, pesado como os seus corações. Nada mais vejo, também eu, tantas vezes, senão a opacidade da pedra do sepulcro. Não alcanço a luz que nele está já a transparecer.

O Francisco deixou que no seu coração trabalhasse esta luz. Moldou-o pelo silêncio para o deixar modelar-se pela luz. O seu confiante «Adeus, até ao Céu» não é só o eco de uma promessa recebida dois anos antes; é a afirmação de uma certeza, o grito de quem se sabe caminhar rumo ao olhar face a face com aquele a quem, por meio dos muitos terços prometidos e rezados — isto é, por meio de uma vida toda consagrada à oração, consagrada em oração, na maior das simplicidades, na maior das autenticidades —, dedicou contemplativamente a vida inteira.

Desde aquele «Sim, queremos» dado à Senhora mais brilhante do que sol, o Francisco viveu preenchendo os ouvidos com o silêncio fecundo que é próprio dos *esperantes*; viveu preenchendo o olhar com o amor que se alimenta na presença do amado, mesmo se «escondido» sob a aparência de uma pequena hóstia branca; viveu preenchendo o coração com o consolo àquele a quem desejava que todos amassem.

○ Francisco prometeu não esquecer. Os amigos de Jesus, desconcertados, começavam a preparar-se para esquecer.

Aquele era, contudo, um sepulcro novo. Ao zumbido ensurdecador do choque sucede, devagarinho, o silêncio da noite e da manhã; o silêncio da espera. O silêncio de quem se dispõe a escutar para além daquilo que está a ouvir; que não está a ouvir. E o silêncio da espera oferecerá, devagarinho, a terra boa para o germinar da esperança. Na alvura do terceiro dia, depois do silêncio da espera, entreve-se, na esperança, a luz do dia novo. «Até ao Céu!»

4. Oração

Pai, fonte da esperança,
o teu amor, mais forte do que a morte,
é nascente inesgotável de vida.
Quando tudo parece perdido,
reduzido a escombros e vazio,
a tua luz pode gerar a vida nova e plena.

No coração imaculado de Maria,
que, esperando contra toda a esperança,
aguardou ver esse dia novo, te peço:

R. Acende em mim a esperança da vida eterna.

Concede-me fazer do silêncio uma espera confiante.

R: Acende em mim a esperança da vida eterna.

Quando se desfazem as certezas conhecidas e se abeira a hora da partida,

R: Acende em mim a esperança da vida eterna,

na luz do teu Amor que não tem fim.

Ámen.

Textos

André Pereira

Sandra Bartolomeu, sns



SANTUÁRIO DE FÁTIMA
SHRINE OF FATIMA